



Christãos assistindo a uma pratica nas catacumbas de Roma (1.º ao 4.º seculo)

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.*

EDITOR

*Antonio José de Carvalho.*

ADMINISTRADOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

## Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de  
informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA (PAGAMENTO ADEANTADO)

|   |        |
|---|--------|
| Portugal e colonias (1 anno) . .  | 2\$400 |
| » » (6 mezes) . .   | 1\$200 |
| » » (3 mezes) . .   | 600    |
| À cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despezas. |        |
| Estrangeiro (1 anno) . . . . .  | 3\$000 |
| » (6 mezes) . . . . .   | 1\$500 |
| Numero avulso . . . . .   | 60     |



# Frigideiras e Restaurante

---

---

## Casa do Cantinho

---



Largo de S. João do Souto

---

---

**BRAGA**

---

---

Estabelecimento mais antigo

e acreditado n'este genero





# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

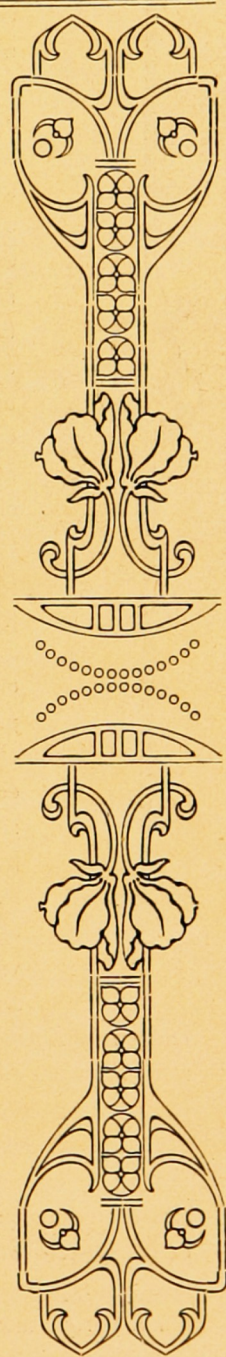
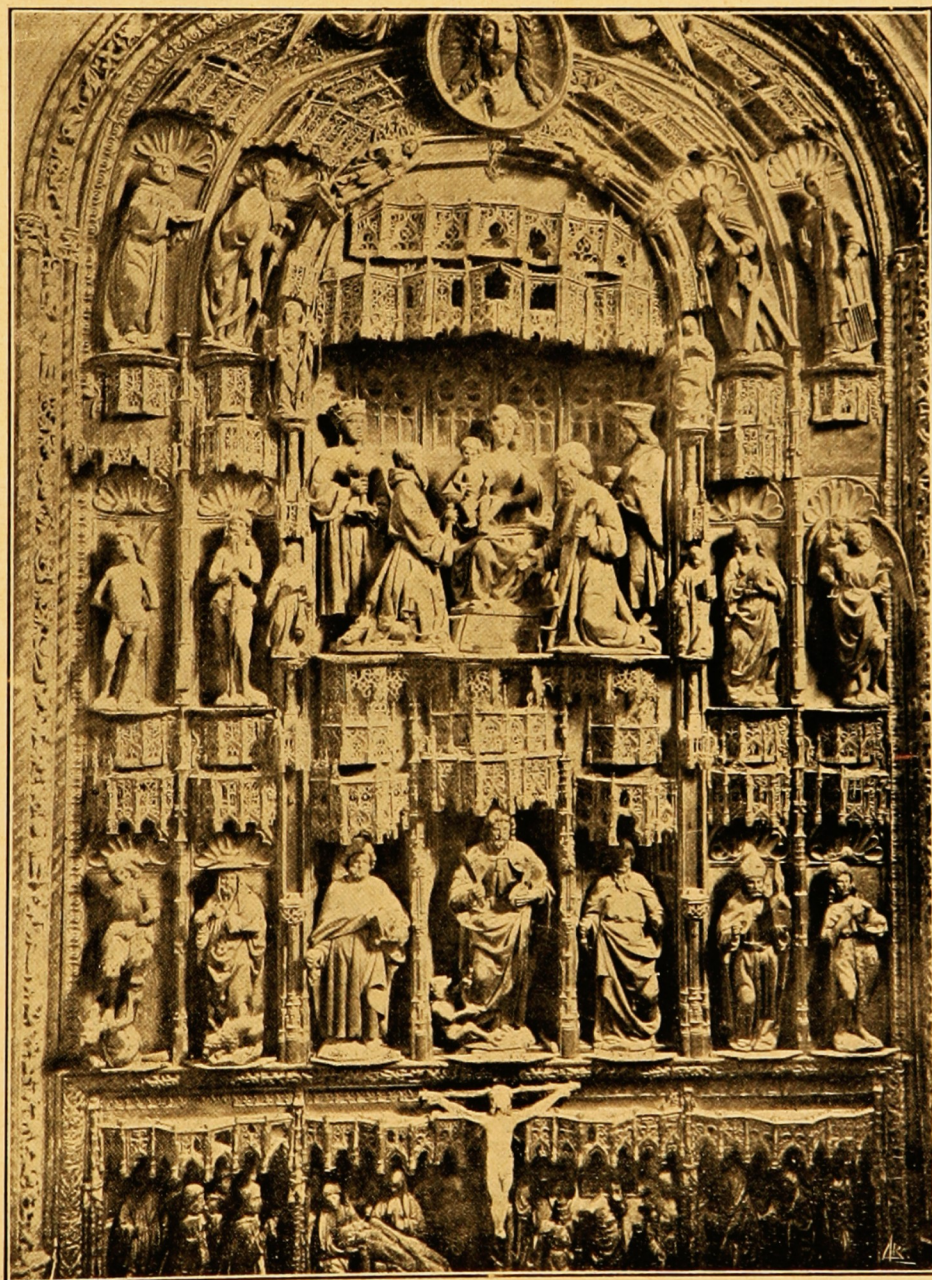
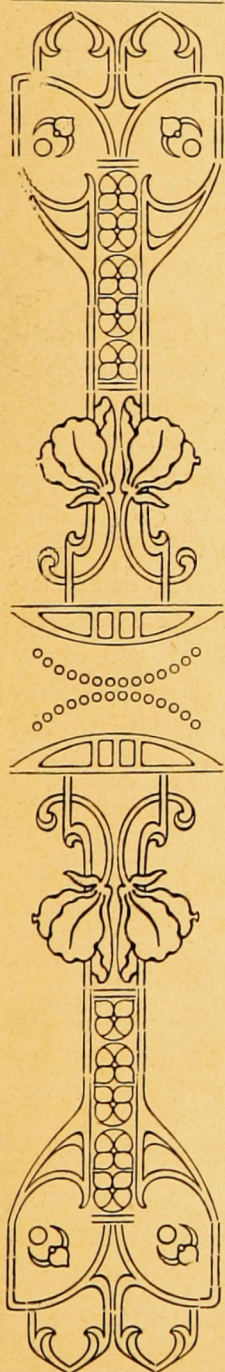
ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 3 de julho de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 105—Anno III



BURGOS (Hespanha)—Magnifico retabulo da capella dos Santos Reis,  
da egreja de S. Gil



# Chronica da Semana



## DOIS ANNOS...

**F**A-LOS hoje a *Illustração Catholica*. Não queremos tecer o elogio d'ella que em nossa bocca seria, além de inutil, pouco serio. Fallam melhor que nós os leitores que nos teem acompanhado e suster tado os esforços e as boas vontades. Dizem quasi tudo estas centenas de paginas que escrevemos e illustramos, dizem muito mais ainda as nossas aspirações e os nossos bons desejos.

Dois annos! Hoje, volvendo paginas e paginas até encontrarmos a primeira onde delineamos o nosso programma, dois sentimentos se apoderam de nós: um—confessamo-lo è de tristeza, o outro de muita fé e de muita esperança. Tristeza, sim, porque nós ainda não pudemos realizar o nosso ideal de revista catholica illustrada. E devemos esclarecer o leitor: só as circumstancias da epocha, um anno inteiro de guerra com todas as suas consequencias funestas de ordem material e financeira, no-lo impediram de conseguir, só ellas, que se o não fossem, a nossa tristeza significaria culpa quando na realidade apenas traduz resignação sob um impedimento que não é possível desde já vencer.

Demos na altura propria ao leitor todas as explicações devidas, acêrca da falta de papel e acêrca de outras deficiencias que fomos cbrigados a aceitar. E o leitor deve ter percebido, n'uma simples observação dos numeros da *Illustração Catholica*, que não nos poupamos a esforços para remediar os males, que soffremos ainda, para transpôr os obstaculos que em torno de nós se levantavam. Eis os motivos da nossa tristeza de resignados, e hoje apenas desejamos que os

amigos da *Illustração* a saibam sentir como nós, profundamente, porque ella lhes dirá então toda a verdade e toda a justiça das nossas palavras.

O outro sentimento é o de muita fé e de muita esperança. Ha um anno, saudando o nosso 1.º anniversario, diziamos:—Ah! quem nos dera marcar com uma pedra branca o segundo anno da *Illustração*. Fez-nos Deus esta mercê, mas nós repetimos sempre o mesmo voto em relação ao 3.º anno, porque muito ardente é o aneio de trabalharmos cada vez com mais proveito, a bem da causa do Senhor!

E trabalhamos, temos d'isto a plena e tranquilla consciencia. E trabalhamos... E' precisamente o trabalho exe-

cutado que nos dá alentos e fortalece e franja de oiro a nossa esperança. Se outro valor, de ordem technica, não houvera a *Illustração*, teria este, dos resultados já patentes do nosso trabalho: fazer com que uma notavel parte do meio catholico portuguez não alimentasse a sua justa curiosidade artistica em *magazines* mais que suspeitos á fé, pela sua origem e sobretudo pela sua orientação politica e religiosa, a primeira evidentemente radical, a segunda claramente contraria aos principios da Igreja e da moral christã, orientações estadeadas em commentarios que por vezes baixam ao insulto, sob pretexto de insulsa graça, em gravuras pornographicas, em réclamos abertamente immoraes, de um gosto mórbido que é facil topar em qualquer café concerto.

D'este fructo do nosso trabalho, que é pouco em relação ao muito que ambicionamos como unico titulo da sua gloria, sentimos legitimo orgulho, e assim Deus nos auxilia torna-lo maior ainda, porque são cada vez mais inadiaveis o saneamento moral d'esta sociedade em que os bons costumes dia a dia se relaxam e esquecem, e o fornecimento de uma ideia sã ao espirito d'este povo em que a mania da novidade obliterou os principios tradicionaes que imprimiram á sua vida e á sua historia um brilhante cunho, e que as fizeram grandes, nas tradrugadas esplendidas dos triumphos, nos occasos melancholicos e sinistros das decadencias.

Para esse saneamento moral, para essa educação mental, esta obra é de uma singular importancia, entre todas as que se fundam no terreno da imprensa, porque allia a uma attração pela curiosidade, que é uma excellente arma de penetração nas massas, uma forma suggestiva, facil e leve de ministrar os principios da fé christã em todos os terrenos e para todos os gostos.

Percebendo-o bem, os nossos adversarios lançaram mão d'ella em seu favor. Sentindo-o e tornando-nos echo do sentir geral,—a necessidade de propagar a nossa ideia e de combater o inimigo no mesmo campo de acção—lançamos ha dois annos a publico a *Illustração Catholica*. Ella é, pois, e acima de tudo, uma obra de benefica educação e propaganda catholica. Os leitores souberam comprehender o seu valor e o nosso poderoso esforço.

E é por isso que a festa do 2.º anniversario da *Illustração Catholica* não é apenas dos trabalhadores d'esta casa, mas d'elles e dos leitores, cujo dedicado auxilio nos leva a repetir com nova esperança, aquellas sinceras e simples palavras de ha um anno: —Ah! quem nos dera marcar como outra pedra branca o 3.º anniversario da *Illustração*! Quem no-lo dera...

F. V.



# OSTRACISMO

**O** homem desterrado que em 5 d'outubro de 1910 desfraldou na Rotunda o estandarte vermelho-verde e fundou a republica, foi no dia 11 de junho de 1915 desterrado para os Açôres.

Caprichos da sorte!

Sesostres, rei do Egypto, venceu quatro reis seus vizinhos e acorrentou-os ao seu carro triumphal. Quando entrava a cidade, puxado pelos seus inimigos humilhados, reparou que um dos reis não desfitava as rodas do carro. Perguntado Sesostres a causa, o rei respondeu:

— Vou observando n'esta roda que assim como a parte que ora está em baixo já esteve em cima, assim a que está em cima, com meia volta apenas, torna a estar em baixo.

Acertadamente procederam os romanos edificando o Capitolio perto da Rocha Tarpeia.

Os agradecimentos dos povos!

Clisthenes foi o auctor da lei do desterro e o primeiro grego a sentir-lhe o afiado aço.

Solon, um dos sete sabios da Grecia, depois de honrar o seu paiz com leis moralisadoras, ter cobrado Salamina e dado aviso de que Pisistrato queria proclamar-se tyranno em Athenas, foi desterrado para Chypre.

Banidos foram tambem Demosthenes, Temistocles, Simones, Aristides...

e só por bem servirem a patria!

Cicero foi desterrado por industria de Claudio, Metello. o vencedor de Jugurtha, foi desterrado de Roma por se recusar a jurar uma lei que tinha por injusta. Annibal andou peregrinando pelo mundo e morreu desterrado de Carthago. Camillo estava desterrado de Roma quando os gaulezes pozeram cêrco á velha cidade, que elle correu a salvar. Scipião Nasica, tido pelo melhor homem de Roma e tendo-a livrado da sedição dos gregos, foi depois desterrado. Lycurgo, que a Lacedemonia deu tão sabias leis, foi apedrejado e desterrado. Publio Sentulo, desterrado de Roma para a Sicilia, pedia a Deus que não mais o

tornasse a patria tão ingrata. Publio Rutilio, consul romano, sendo desterrado e seguidamente perdoado, respondeu que não voltaria a Roma porque não queria envergonhar a sua patria com o erro de have-lo perseguido innocente.

A lei do Ostracismo praticou-se em Athenas para defeza da Liberdade. Os athenienses quando presumiam que alguém seguia no caminho da tyrannia, como medida preventiva condemnavam-no ao ostracismo. Era o povo convocado para uma ampla praça e a todos os cidadãos se entregava uma taboinha em que escreviam o nome que queriam desterrado. Recolhiam os magistrados as taboinhas e o cidadão que tivesse mais de seis mil votos era immediatamente banido da patria. Acabou este costume em tempo de Nicias e Alcibiades, ambos poderosos e ricos. Vivia, então, em Athenas um facinoroso intrujão chamado Hyperbolo, que querendo-se fazer mais estimado, acirrava os odios que esurmavam dos peitos de Alcibiades e Nicias. Estes perceberam a intriga e considerando que tão vil creatura não devia egualar-se-lhes, concertaram-se secretamente e contra a Hyperbolo reuniram todos os votos, logrando desterra-lo.

Vendo o povo que o desterro se fazia em tão baixa pessoa, esfusiu tão intenso o riso e a mofa, que se extinguiu o ostracismo em Athenas.

A um espartano que senlia sobremaneira o ser desterrado da patria, consolou-o Anaxandridas com estas palavras profundas:

— Homem, não te dê pena o desterrar-te a justiça; ser desterrado da justiça é o que te deve dar pena.

Mal vae aos que erguem a sua tenda nas areias movediças das multidões. A multidão condemna hoje o que applaudiu hontem, honrará amanhã o que sacrificar hoje. A fortuna cega os mais lucidos entendimentos. Dizia Tasso:

*A voli troppo alti e repentini*

*Sogliono é precipizi esser vicini.*

È quanto mais altos forem os vôos mais fundos serão os precipicios. Louvores a Deus quando o *precipicio* é um desterro em ilha amena!

A.



# VIDA INTENSA

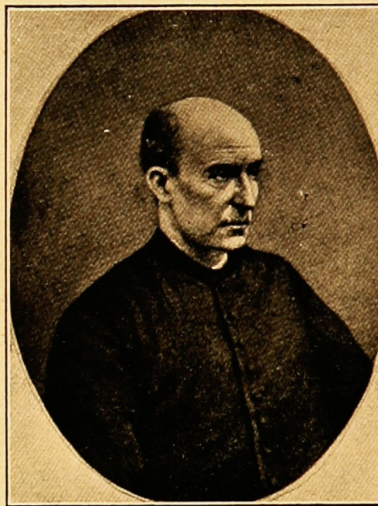


## CIDADES E MULHERES:

As cidades são como as mulheres: ou se dominam inteiramente e logo se esquecem no tédio do orgulho satisfeito ou galantemente se requestam e, apenas entrevistadas, fogem, desaparecem, deixando para sempre na nossa recordação, a lembrança viva do prazer insatisfeito. Entre a mulher que se dominou e aquella que vagamente entrevimos e logo perdemos, mais esta perdura na nossa saudade, pelo mysterio que a estreita, fugidia, intangivel, adoravel, pela ancía mordaz, insatisfeita do bem que se não possuiu.

As cidades tem tambem os seus caprichosos attractivos — a *coquetterie* delicada e frivola dos seus encantos, o preconceito feminil, das suas tradições, a galantaria das suas lendas, — que nos penetram a alma mas que dissipado o veu diaphano de phantasia, que as envolve, ficam aos nossos olhos, como o ser conhecido que já nos não interessa. A familiariedade das cidades é o *deshabillé* das mulheres! Vive-las intensamente, é prescudar-lhe os segredos, tactear-lhe os encantos, os defeitos, as miserias e os vicios e conservar d'ellas, não a phantasia mysteriosa das primeiras horas mas fixa-las apenas pela cançaso de as ter gosado, pelo prazer banal de as ter usufruido, no seu tumultuoso convivio. Quantas vezes mais nos recorda a terreola distante, que mal distinguimos nas sombras da noite cortadas pela velocidade indifferente do comboio que nos arrasta, sem uma paragem de compaixão!? É esse prazer vago do ignorado, do ainda não sentido, subtilisa a nossa impressão, cinge-a de mysterio, de lenda, suggere mil pequenos nadas, facilita mil suposições, mil phantasias, que nos dominam pelo seu desconhecido encanto, porque o homem vive e devaneia, d'essa ancía absorvente, d'essa conquista desvairada do ignorado, que, apenas sentido, provoca o bocejo egoista do prazer gozado e tem o destino vulgar do cigarro, que se fuma com prazer mas que reacendido, amarga e indispõe. É esta dose consoladora de mysterio, com que o homem procura subtilisar as suas predileções e os seus desejos, o élo sympathico da vida, o seu agradável tempero, porque sem esta ancía de lucla, de conquista, a vida seria a expressão organica da vida animal.

Visitar uma cidade é amar, sentir o que contem d'encanto, n'inesperado, de impressionante, que aos nossos olhos avoluma e na nossa saudade se sentimentalisa e esvae. É integrar-se nas suas



*Padre Luiz Coloma*

Falleceu este sacerdote em Madrid no dia 10 de junho do corrente anno.

Era uma das figuras mais notaveis da litteratura hespanhola contemporanea



Rebello Jr



paixões nas suas alegrias, nas suas tragedias e nas suas glorias, mas ao de leve, para que as não sinta como suas, superficialmente para que não soffra as suas dôres e não possa involuntariamente fruir, do quinhão alegre ou triste das suas alegrias ou das suas tristezas. Mas muitas vezes ellas offerecem um aspecto tão natural e tão seu, um tão particular e intimo encanto que são como aquella mulher, que encontramos uma vez e que quanto mais se conhece mais se ama, porque nos subjuga com encantos sempre novos, nos domina com caprichos, frivolidades, loucuras... e tem, sempre nova, sempre de surpresa, a sua alma encantadora e pura. Então amam-se até a loucura, ao crime — amam-se para sempre!

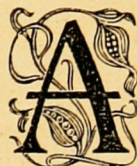
do na nossa alma como uma restea purificado-ra de luz...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

## Impressões do theatro da guerra

V

### Os mortos



A vista d'um campo logo depois d'uma refrega vae completar as ideias que venho expondo sobre os horrores da guerra.



GUIMARÃES—Um aspecto da chegada da antiquissima ronda de N. Senhora da Lapinha ao historico templo de N. Senhora da Oliveira

Cidades e mulheres vivem na nossa phantasia, forçam a nossa saudade, e como um raio de bom sol, illuminam, aquecem as nossas recordações, reavivando as horas felizes, constituindo o relembrar melancholico, que revê todo o nosso passado, que remeche todas as nossas lembranças, animatographando a nossa vida, com esse poder exuberante, suggestivo da saudade que é sempre a synthese triste mas consoladora do que amamos e vivemos, penetran-

Dezenas de corpos estirados no chão, em poças de lama e sangue, apresentam no rosto as crispações terriveis d'uma agonia dolorosa que teve por consolação derradeira o troar sinistro dos canhões e os gritos ferozes dos combatentes.

Quando se vão recolher os feridos, já muitos teem succumbido pelo abandono forçado em que estiveram. E' tarefa triste deveras a de recolher os feridos. Muitas vezes encontra-se





um homem sentado junto d'uma arvore, com a cabeça inclinada e a carabina aos pés; julga-se que é um ferido extenuado e... quando se lhe toca vê-se que já não vive. Outras vezes é um corpo estendido n'uma moita a mão levantada parecendo pedir socorro; vae-se pegar n'essa mão e... sente-se o frio cadaverico. Imaginem os leitores a commoção d'esse contacto e a desillusão que se sente!

É que doloroso officio o de lhes dar sepultura, ahi, em pleno abandono! Uma cruz marca esses monticulos de terra; talvez abrigue sob a sua sombra protectora os restos mortaes de um heroe: um filho amoroso pranteado amargamente pelos paes, um esposo estremecido cujo regresso esperam debalde a viuva e os orphãosinhos.

Officio doloroso tambem o de identificar os cadaveres pelas medalhas ou placas militares com a designação do numero e regimento e que pertenciam. Esse numero 5638 do Reg. IV Corpo I quem será? É recolher n'um sacco os poucos objectos que se lhe encontram no bolso; a carteira, relógio, photographias, objectas de piedade... Meu Deus que tristeza!... Como faz vir as lagrimas aos olhos!

Quando os cadaveres são muitos, enterram-se n'um fosso commum. O terreno arenoso e movediço das margens do Yser, a pressa com que se cavou e cobriu a sepultura, os ventos e a chuva algumas vezes arrastam parte da terra, e então vê surgindo da leve camada que ficou restos humanos, fatos, botas, capacetes... Que horrivel espectáculo!...

Que cheiro nauseabundo que traz á mente o *corruptio optimi pessima* applicada á materia! É os cadaveres que boiam no leito do Yser, os que se enxergam nos immensos lençoes de agua dos campos inundados, em completa putrefacção!...

Mesmo no hospital os corpos dos gangrenosos e dos que morreram de tétano teem de ser sepultados taes quaes estão, com o colchão e lençoes, em alguma cova do terreno adjuncto, porque a decomposição a que chegaram não permite tocar-se-lhes,

Aos que morrem de outras feridas pode-se fazer um funeral em regra. O russo de quem fallei nas minhas impressões anteriores, morto pouco tempo depois do baptismo, d'uma ferida



GUIMARÃES—A ronda de N. Senhora da Lapinha sahindo da Collegiada

(Cliché do phot. snr. Domingos A. Machado)

da no abdomen, teve um funeral que deixou em mim indeleveis recordações. Missa cantada, officio na igreja parochial, assistencia de todos os militares, do corpo da Cruz Vermelha, dos representantes dos soberanos belgas e povo de La Panne. Um collegio de orphãs, refugiado de Furnes alternava os cantos tristes da *Missa de Requiem* com o côro possante formado pelos capellães e clerigos do serviço militar sanitario.

Cobria o feretro a bandeira do imperio moscovita, servindo de coxim á Cruz de madeira onde estava escripto o nome do desditado ou antes ditoso joven que em tres dias conseguia entrar no ceu mais puro do que nós depois de trinta annos de vida religiosa! Interceda elle deante de Deus para apressar o fim d'esta horrora guerra em que 23 milhões de homens se empenhou em dar-se mutuamente a morte.

Estou a concluir estas impressões n'um dia lindissimo, como as da nossa abençoada penin-



sula iberica. O sol inunda o quarto de luz intensa, o chilrear das aves dá vida ás frondosas copas dos pinheiros, as ondas veem suavemente beijar em doce murmúrio a praia, o azul formoso do Atlantico parece compêlir com o ceu, e os contornos levemente ondulados das collinas projectam-se na abobada celeste. Tudo falla, tudo convida á alegria. E não obstante o pensamento vòo ao theatro da guerra e uma dôr immensa se infiltra no meu espirito, dôr amarga ao repassar na memoria os estragos causados por esta guerra, ao lembrar-me dos lares, cidades e provincias destruidas n'uma região que parecia a mais florescente da Europa, no tão catholico e hospitaleiro e por isso mesmo tão amado reino da Belgica.

V. A. C.

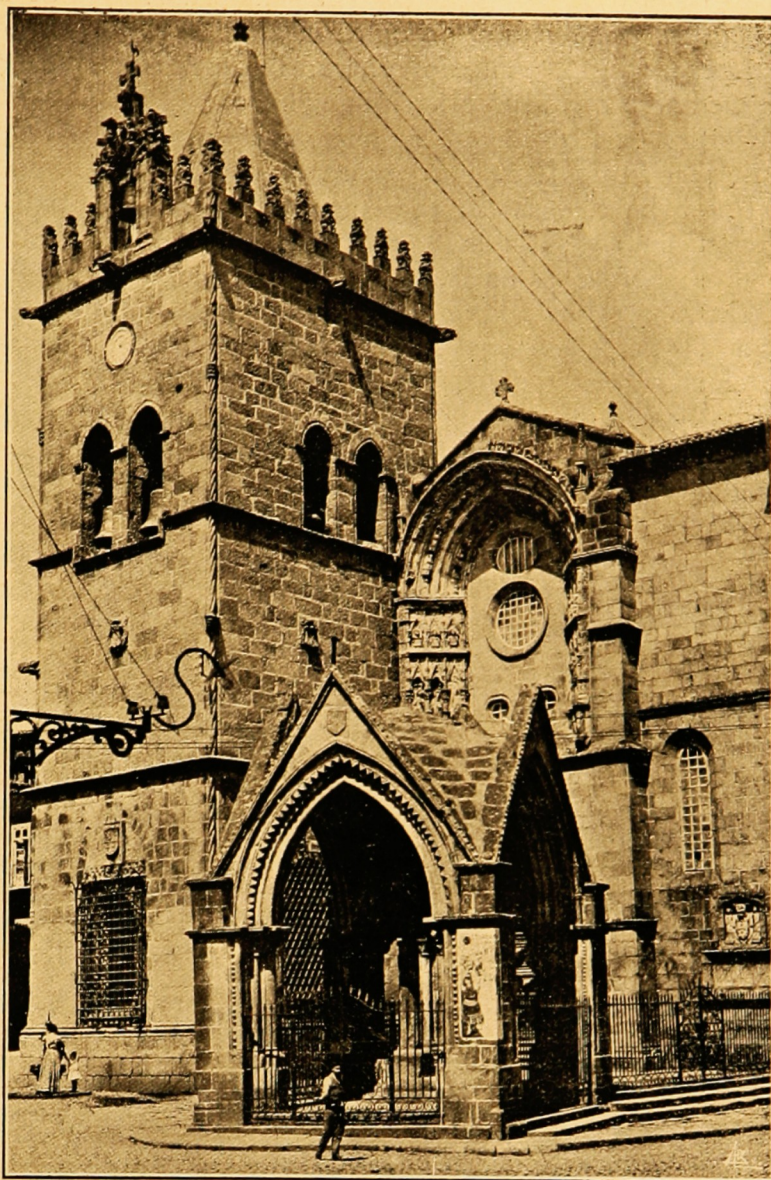
Padre Antonio Vieira

II



**M**AIS uma vez, a Nobreza e a Fé ungiam de luz o espirito que os sacramentos christianisavam. Antonio Vieira nascia em pleno captiveiro da Patria, mas tudo lhe ia symbolisando o caminho do seu dever, o seu sentimento, a sua obra.

Fidalgos portuguezissimos lhe davam a vida e a religião. Parece evidente, pois, que o genio de Antonio Vieira tinha de resplandecer na fé religiosa e no mais acrisolado patriotismo.

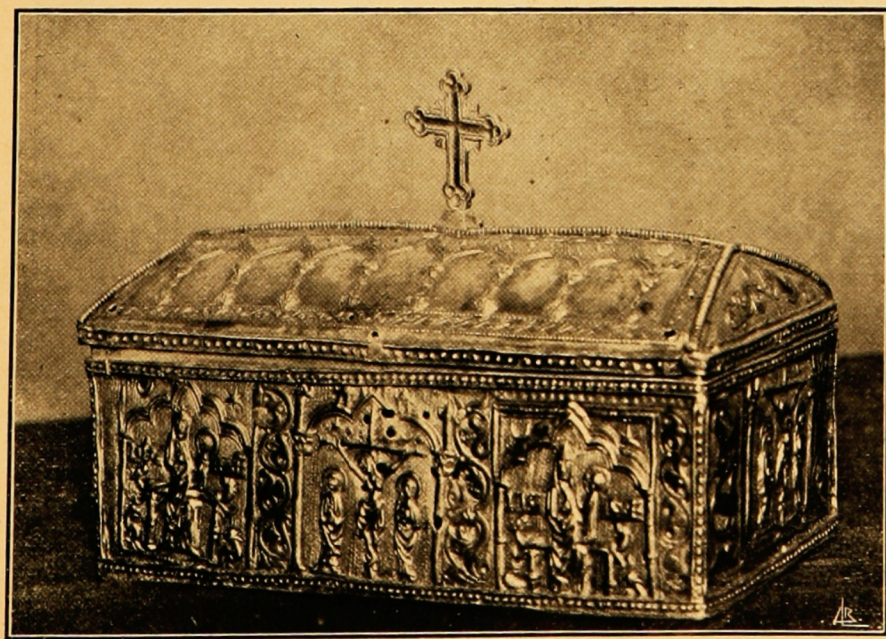


GUIMARÃES—A Collegiada de N. Senhora da Oliveira. Foi construida a expensas de El-Rei D. João I em memoria da batalha de Aljubarrota

E a infancia do Padre Antonio Vieira é singular. Ninguem desconhece as agudezas d'aquella creança em tudo estranha. O Padre André de Barros cita dois ditos penetrantes de Vieira.

Viu-o no adro da veneranda cathedral um bom conego que se encantou com a physionomia, aberta e luminosa, do pequeno. Interessado e curioso, perguntou-lhe: — *De quem sois, meu menino?* — E Vieira replicou logo: — *Sou de V. m., porque me chama seu.*

D'outra vez, outra personagem, revendo-se em tantas graças e alegria, perguntou-lhe: — *D'onde sois, menino?* Vieira replicou: — *V. m. não me conhece. Ao que a personagem tornou com ar imperlinente: — Eu conheço a metade do mundo. E logo Vieira, que ainda não*



Cofre de reliquias do thesouro da Collegiada



tinha 8 annos de idade, redarguiu finalmente: — *Pois eu, Senhor, sou da outra metade.*

Apezar d'isto, Antonio Vieira, foi menos que mediocre nos seus primeiros estudos.

Partira de Lisboa com os paes, soffrendo a 20 de janeiro de 1616 um pavoroso naufragio em Parahyba e, desembarcado na Bahia, cahira com uma enfermidade perigosa, aproximando-se por vezes da morte.

Os sobresaltos da viagem, a mudança de clima, a hyperesthesia nativa de Vieira, explicação alguma coisa da sua relativa fraqueza mental nos bancos das escolas, não só ao frequentar rudimentos como ao encetar os estudos de humanidades?

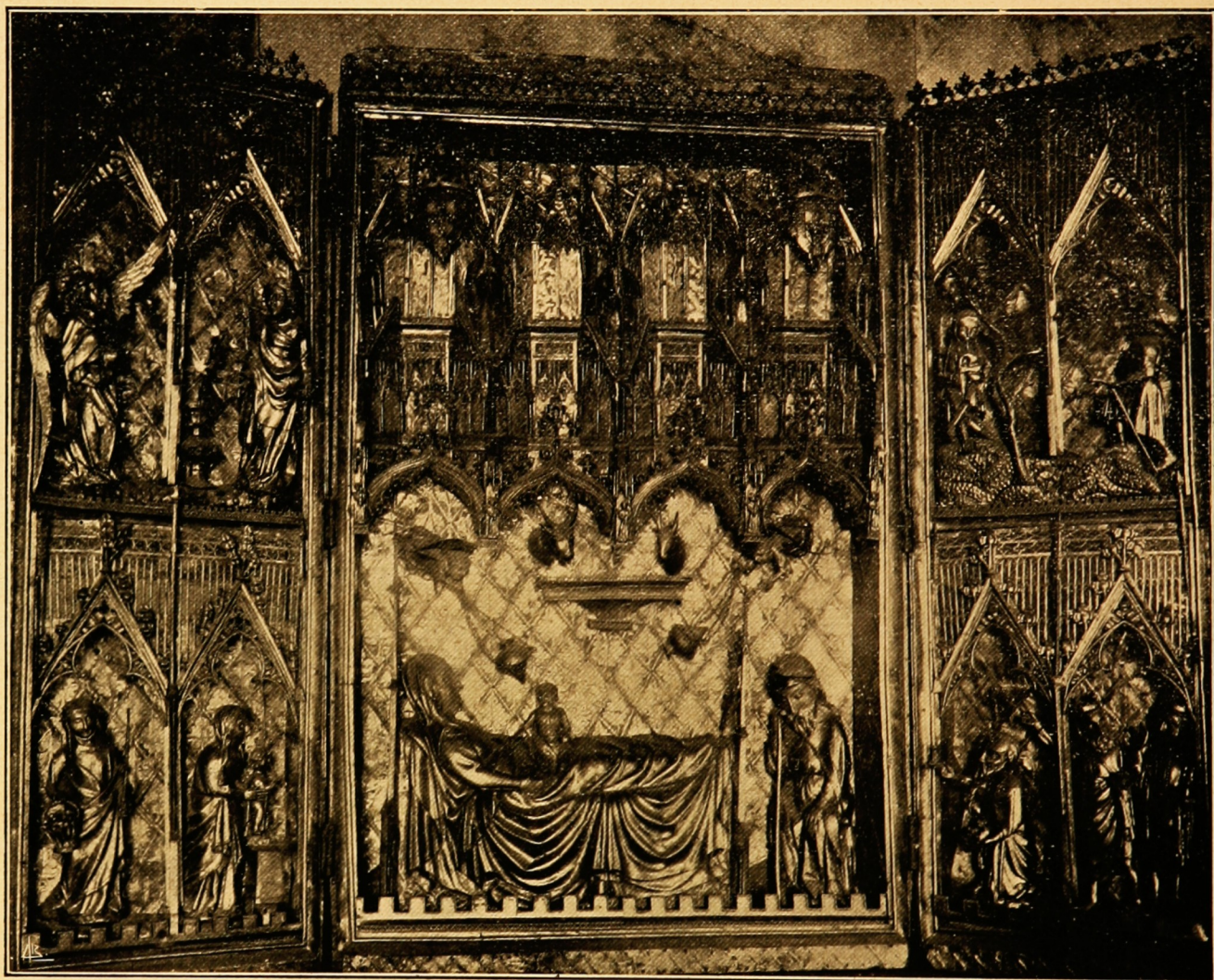
Talvez. Mas, n'este lance, o espirito de Antonio Vieira foi despertar o genio á custa da Fé, como tantas vezes depois faria.

O Padre Fernando Cardim, da Companhia

de Jesus, vaticinara, entretanto, á creança um futuro de gloria como Jesuita e como Portuguez. A propheta fôra feita junto do leito em que Vieira luctava com a doença, e muito antes de revelar nas aulas qualquer merito.

E o vaticinio entrara na alma de Vieira como uma promessa positiva e maravilhosa, confirmando, aliás, a propheta, muito anterior, feita pelo prelado D. Miguel de Castro, ao conferir-lhe o sacramento da Confirmação no templo dos Martyres, em Lisboa: *Tenham-me muito cuidado com este menino, que grande varão virá a ser.*

Estimularia tudo isto a fé nativa de Vieira? O que é positivo é que muito o affligiu vê-se pobre de entendimento junto dos seus condiscipulos no Collegio da Companhia. Não penetrava com facilidade os argumentos mais simples, não assimilava as razões mais comesinhas.



*GUIMARÃES—Oratorio de prata dourada pertencente ao thesouro da Collegiada*

E' um precioso objecto de muito valor artistico. Na parte principal vê-se a Virgem n'um leito tendo junto, sobre a roupa que a cobre, o Menino Jesus. Proximo do leito S. José.

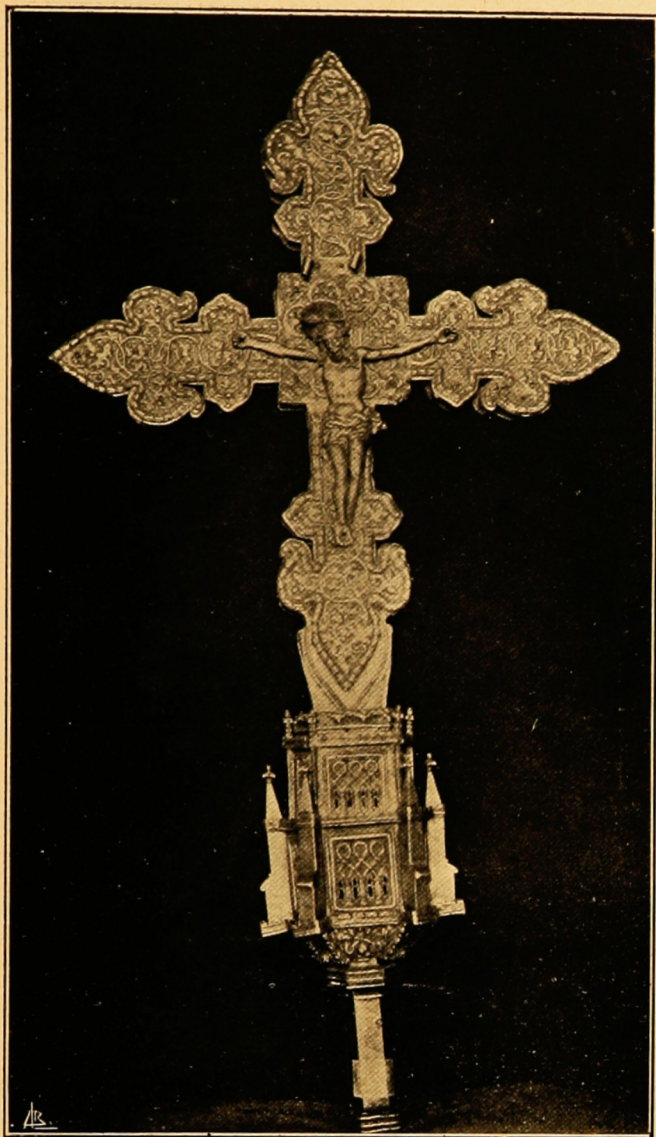
Em plano superior as cabeças dos animaes do presepe e dois anjos com thuribulos.

Cobrem o leito quatro arcos ogivaes; junto d'elles estão cinco anjos empunhando brandões, debaixo de baldaquinos.

Elevam-se sobre os arcos quatro corpos architectonicos fenestrados. Do alto de cada um dos lateraes debruça-se um anjo sustentando um escudo com o brazão das armas reaes portuguezas.

As outras partes do oratorio fem cada uma quatro nichos occupados por estatuetas, que representam a Annunciação, e Visitação de Santa Izabel, Apresentação, Adoração dos Pastores e Adoração dos Reis.





GUIMARÃES—Cruz de prata branca do thesouro da Collegiada.

E' de estylo gothico composta de duas faces ligadas por leve rendilhado tendo em volta e no centro uma ornamentação simples mas muito apreciavel

Tudo lhe parecia confuso, vago, desconnexo. As morbidas perturbações da memoria, a fadiga constante do raciocinio, um singular tedio intimo perante as lucubrações mais correntias, amarguraram-no tanto, que só começou a esperar de Deus a vida e equilibrio da mentalidade.

O pobre moço começou então a frequentar, como nunca, a bella cathedral da Bahia. Sempre que ia para as aulas, entrava no templo, e ajoelhava diante da imagem luminosa de Nossa Senhora da Fé, ou das Maravilhas, como lhe chamava ardentemente a christandade bahiana.

Um dia, no meio da prece, julgou sentir um estalido no cerebro, e tão forte e convulsionante nos effeitos nervosos, que teve a sensação d'uma fatal agonia. Coberto de suor frio, desabando todo sobre o lagedo, esteve muito tempo immovel, como se desencarnasse o atormentado espirito.

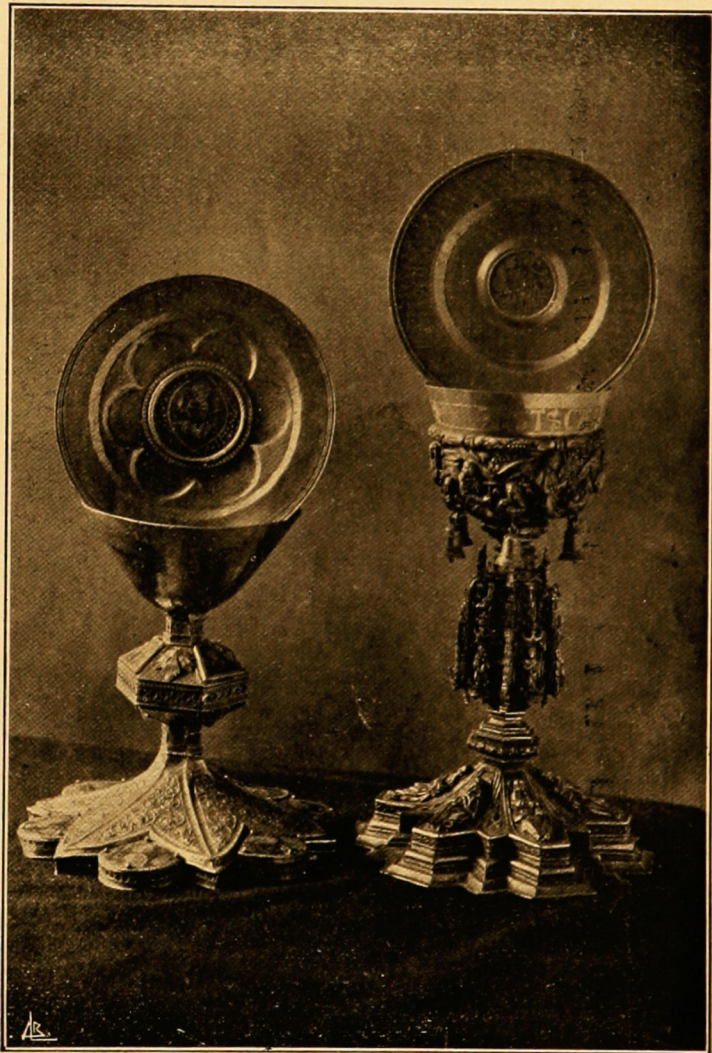
Mas a Virgem fizera o milagre estupendo. As forças phisicas voltaram ao saccudido organismo de Vieira que na Fé encontrara o Genio.

O joven estudante surgiu, de subito, o as-

sombro e o encanto de todos. Não só comprehendia o que argumentava, como aprimorava e illuminava todos os argumentos. Brotaram então do seu espirito luzes peregrinas e esplendidas. Eram altos os pensamentos, invencivel a logica, eloquentissima e integra a fé. Dentro de pouco tempo, Antonio Vieira era mais mestre do que discipulo, valentia sublime dentro da visão mais profunda, arrojo sobrehumano dentro da orthodoxia mais sincera e pura.

E, apenas a mentalidade logrou dominar os apetecidos horizontes, levantou-se-lhe o coração á procura do melhor modo de amar e servir a Deus: a vida monastica.

A vida monastica! Os excellentes demoli-



Calices das campainhas e de S. Torquato

O calice das campainhas tem a copa hemispherica, adornada com seis figuras de anjos que sustentam os emblemas da Paixão e na parte inferior com outras seis sustentando outros tantos tintinabulos

A patena tem no reverso um agnus esmaltado e no anverso a figura de Jesus Christo em attitudo de subir ao céu.

O calice de S. Torquato é de prata dourada e esmaltada; Copa lisa e pyramidal com o nó hexagono ornado de ramagens e esmaltes. A base tambem é hexagona e dividida em gomos com seis esmaltes no angulo reintrante.

Uns e outros esmaltes representam bustos de santos.

A patena tem no centro um esmalte que representa o Padre Eterno

(Clichés do phot. sr. Domingos A. Machado)



dores que de 1834 até hoje, reeditam as banalidades de Diderot, as dissertações empanzadoras dos cerebros dirigentes de toda a Anarchia que esguichou do sangue e da lama de 1793 — inutilizando o pouco, mas solido, por ser christão, que ungiu de alguma luz a Revolução infeliz — julgam-se progressivos e justos, profligando, causticando e perseguindo as ordens religiosas.

Victor Hugo, embora alevantando n'um capitulo celebre dos *Miseraveis* a sublimidade da vida monastica, a sua utilidade militante nas proprias apparencias de indifferente contemplivismo, não duvidou chamar ao monachismo a tuberculose e o cancro da Hespanha, classificaçào rhetorica que os nossos livres-pensadores teem apontada a lapis-vermelho nos apontamentos com que discursam entre cantos como a *Sementeira* e identicos em monotonia e banalidade.

O frade é um ocioso. O frade é um parasita. O frade é inimigo do progresso. O frade é hypocrita, devasso, gastronomo. O frade oppõe-se á liberdade, á instrucção, á felicidade dos povos.

Tudo isso disse S. Bernardo, mas d'aquel-



PROENÇA A NOVA—A igreja parochial onde este anno se realizaram com muita solemnidade os piedosos exercicios do mez de Maria

les frades que não eram dignos das suas ordens, e porisso pediu a reforma austera das ordens religiosas, e não o seu exterminio... para se não exterminar, por exemplo, todo o professorado, só porque ha maus professores, ou todo o governo, só porque ha maus governantes.

Porque, reformadas as ordens religiosas nos



PROENÇA A NOVA—Grupo de meninas que executaram o canto coral durante os exercicios do mez de Maria



costumes, a historia prova-nos que ellas protegem as letras, as artes, e as sciencias, — devendo-lhes estas a vida com que hoje resplandecem ainda: a ellas devemos os progressos justos da verdadeira democracia e da verdadeira moral, muitos e verdadeiros heroes e patriotas que são missionarios, que são capellães militares nas guerras sanguinolentas; a ellas devemos, emfim, o amparo a orientação pura dos humildes, a força moral que se impõe aos poderosos, que faz recuar os libertinos e os ambiciosos.

Tudo é tuberculose e cancro, quando se degenera: mas louco e criminoso é quem vendo degenerescencias, prosta a arvore fecunda em que ellas se manifestam, bastando, afinal, cortar os ramos d'ella que a incuria deixou estragar e corromper.

Que diriam ao fuzilamento de todo um exercito só porque alguns regimentos se recusaram a cumprir os seus deveres?

O Padre Antonio Vieira viu com clareza o valor do espirito monastico, ao ouvir prégar o Padre Manuel do Couto no dia 11 de março de 1623.

A palavra severa do prégador pintava a Gehenne com a linguagem da verdade e da fé.



POVOA DE VARZIM—A casa do exc.<sup>mo</sup> snr. Antonio José de Faria, na freguezia de Estella, vendo-se a exc.<sup>ma</sup> esposa e filhas na apanha de morangos

Vieira visionou, como nunca, o valle de Josaphat, o Dia de Juizo, a scena suprema da vida na Terra.

Despertou-lhe isto muito dentro da alma a justa noção do seu dever de apostolo e luctador. *Deus e Patria*— tinha de ser o seu lemma empolgante e sagrado.

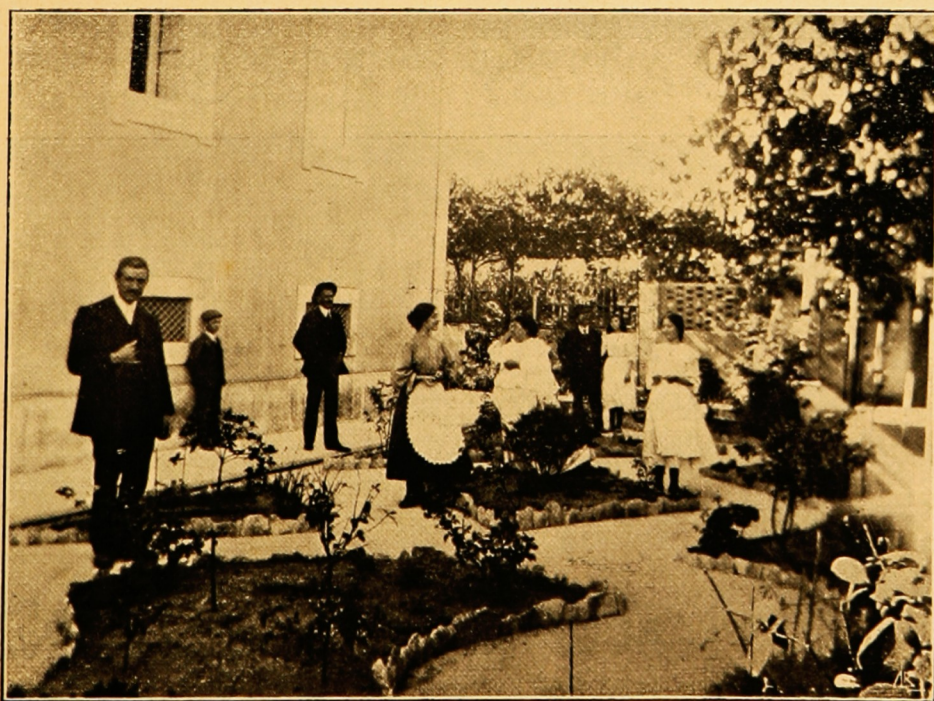
Que restava a tamanho espirito? Escolher a milicia em que pelejaria. E não hesitou muito. A 5 de maio de 1623, sahira de casa sem o menor aviso aos seus para não vacillar deante de rogos e lagrimas, e entrava no Collegio da Companhia de Jesus, já illustre no Brazil pelas virtudes heroicas do grande Padre João d'Almeida e do venerando e admiravel, do immorreodoiro, José de Anchieta.

O lidador subia á trincheira. O heroe ia assombrar camaradas e inimigos, e a causa de Deus e da Patria ia ter n'elle um campeão sublime, aguia com arroubos de anjo, pomba com energias de aguia.

Como o receberam no Collegio da Companhia?

Oiçamos o Padre André de Barros:

— Receberam-no os Padres com o devido alvoroço na noite de 5 de maio de

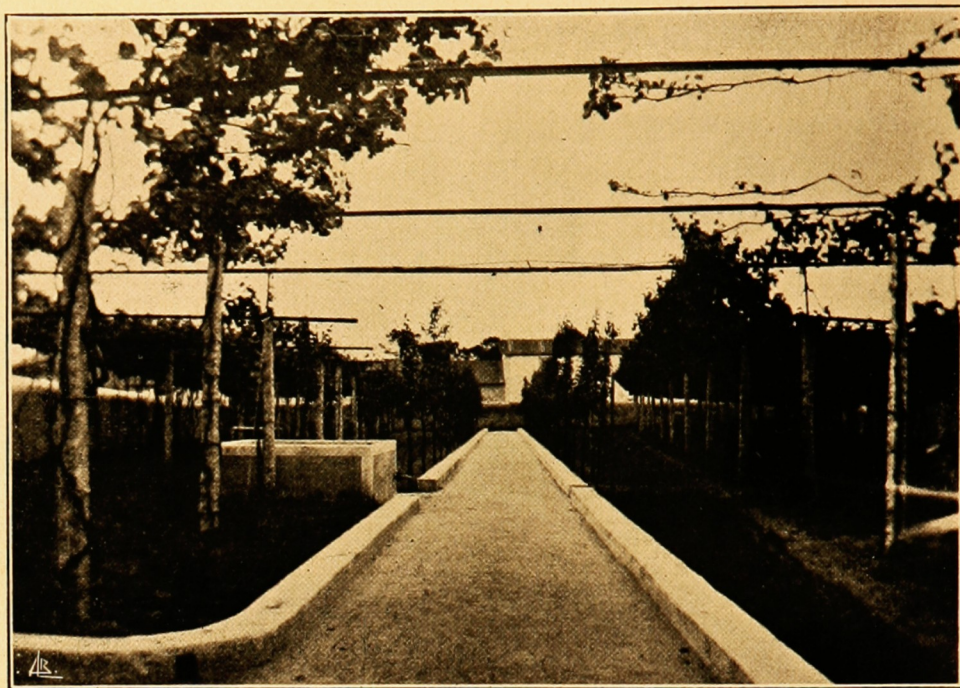


Um aspecto do jardim da mesma propriedade

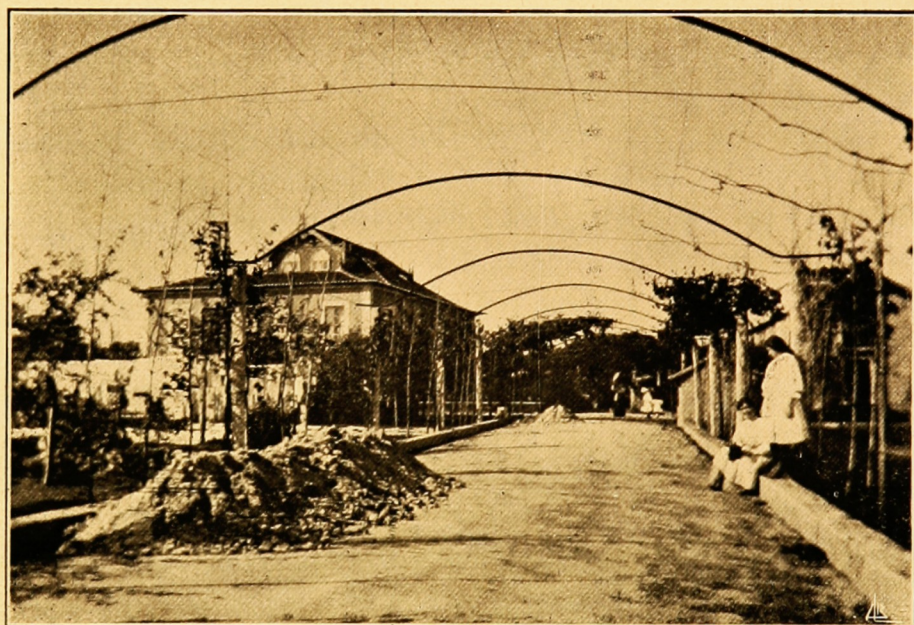


1623; alegres então, como quem já previa no aspecto das Estrellas a prodigiosa luz com que n'aquelle Alumno todos se haviam de co-roar. Admittido ao Novicia-do, reconheceu n'elle o quieto porto por que suspirava; mas aquella ditosa estancia, onde só zephyros assopram, se lhe converteu em procel-oso mar.

Por meio dos parentes assoprou o Inferno os ven-tos, e moveu as ondas que o combateram na Vocaçãõ; mas o seu forte espirito as-sim rebatia estes assaltos co-mo o penhasco opposto, a quem não abalam, antes n'el-



*POVOA DE VARZIM—A Avenida das Pereiras no quintal em frente á casa do sr. Antonio José de Faria*

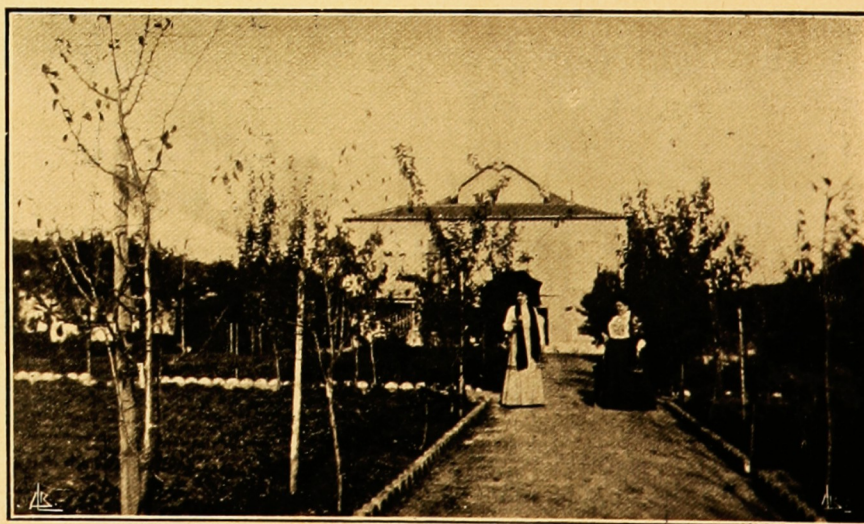


*Ramada sobre a Avenida Amazonas*

le se quebram, os mares furiosos.

Como se vê, Antonio Vieira teve razão em refugiar-se no Collegio sem dar aviso aos seus. Adoravel é o amor de familia. Sublime e digno é o amor da patria. Mas o amor de Deus, encerrando, purificando e fortificando, aliás; todo o amor que engrandece e felicita a Humanidade, é o unico que basta a encher um coração para termos a certeza de que os nossos impulsos são dignos do melhor progresso da nossa consciencia.

JOSÉ AGOSTINHO.



*O pomar da casa. No centro da rua a exc.<sup>ma</sup> esposa e sobrinha do sr. Antonio José de Faria*

(Clichés do dist. phot. sr. Antonio de Carvalho)



# Conde de Leiria



Acabamos de saber que Sua Magestade o Senhor D Manoel II auctorisou o nosso respeitavel amigo ex.<sup>mo</sup> sr. João Carlos d'Azeredo Lobo e Vasconcellos a usar o antigo e nobre titulo de que é representante:—Conde de Leiria.

Com verdadeira satisfacção recebemos esta noticia, porque o illustre fidalgo, que tão distinctamente continúa, no seu solar da Picóta, em Mezão-Frio, as honrasas tradições da sua familia, é, a todos os respeitos, bem digno de tal graça. E, assim, deu tambem Sua Magestade, não deixando extinguir tão illustre titulo, mais um testemunho do seu acrisolado amor por este nobre Portugal, continuando em quem de direito o nome glorioso d'um dos mais brilhantes miliares do seculo findo.

Este titulo foi creado por decreto de 1 d'outubro de 1855, em premio de serviços prestados á Patria por José de Vasconcellos Bandeira de Lemos, bisavô do actual titular, Tenente-General, Gran-Cruz de Legião de Honra e de



Conde de Leiria

outras ordens nacionaes e estrangeiras, Par do Rein),—vulto notabilissimo da historia portugueza do ultimo seculo, que se cobriu de gloria nas campanhas da guerra peninsular e da liberdade.

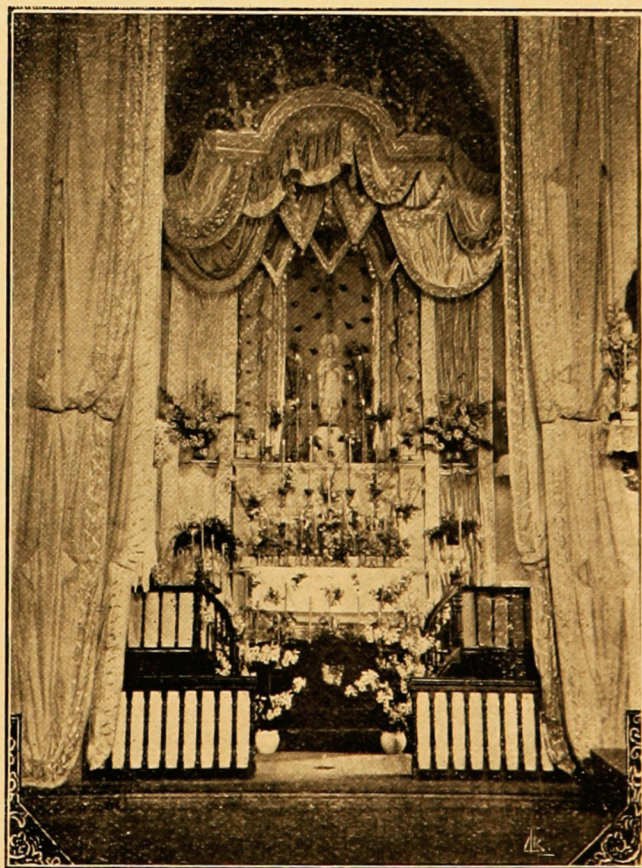
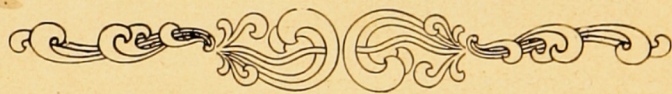
O nobre titular conta ainda entre os seus maiores o celebrado alcaide do Castello de Faria, Nuno Gonçalves, o mais puro symbolo da honra e da lealdade, figura épica do pericdo medieval, e das mais veneraveis de que pôde orgulhar se uma raça.

Grandes são os serviços que, em todos os tempos, a patria tem recebido de membros d'esta familia. E', por isso, muito antigo o seu lustre, que o joven titular mais vem acrescentar com o primôr do seu caracter e magnanimo coração.

A s. ex.<sup>a</sup> e a sua virtuosa esposa, a novel condessa, ex.<sup>ma</sup> senhora D. Marianna Vaz da Silveira Sampaio e Mello, descendente, por igual, d'uma das mais distinctas familias da Beira, a *Illustração Catholica* apresenta respeitossas felicitações.



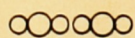
Condessa de Leiria



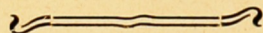
FAMALICÃO—O altar de Nossa Senhora, da Igreja Matriz, no dia da festa da conclusão do mez de Maria, no dia 30 de maio



# DESPEDIDA



Letra da ballada de despedida da Recita que os alumnos do 7.º anno do Liceu Central Sá de Miranda, tencionavam representar em Braga, escripta pelos academicos snrs. Candido Lima das Eiras e Antonio Theodosio Loureiro Pipa, a qual não foi posta em scena por motivos de força maior.



Candido Lima das Eiras

*Braga amada dos meus lindos sonhos  
Teus encantos em breve deixamos.  
Adeus dias formosos risonhos  
Que em teu seio feliz nós passamos.*

*Adeus Braga, princeza de amor!  
Nossos peitos ardentes, saudosos  
Sentirão tristes harpas da dor  
Ao chorar os logar's tão ditosos.*

*Já cessaram as tardes amadas  
Que vivemos em paz festival  
Entre côros de nymphas e fadas  
Na cidade d' affecto eternal.*

*Somos almas sinceras, amantes  
Mas ao irmos pr'a terra afastada  
Nós levamos saudades constantes  
Dos enlevos da Braga adorada*

*Albergae a lembrança, Senhoras,  
D'este adeus que é sincero mas triste  
Que a nossa alma em visões sonhadoras  
Em amar-vos p'ra sempre persiste.*

*O' senhora do Monte Sameiro,  
Bom Jesus, São João e Infias  
Chorae vós ao adeus derradeiro  
Recordae nossas capas sombrias.*



Antonio Theodosio Loureiro Pipa

CANDIDO LIMA DAS EIRAS.



# A Guerra Europeia



*Soldados ingleses e francezes que desembarcaram em Alexandria com destino ao theatro da guerra*



*Uma companhia ingleza, que vae render outra nas trincheiras, marchando sobre um leito de tóros*





Officiaes inglezes em uma granja nas margens do Yser saboreando um "chá das cinco.,,